

ENAMORAMENTO HOMOERÓTICO, AMOR E CIUME: ALGUNS ENTENDIMENTOS

THIAGO DE ALMEIDA ¹

Instituto de Psicologia, IPUSP - Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano

MARIA LUIZA LOURENÇO ²

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP)

Não foi à toa que Adélia Prado disse que “erótica é a alma”. Enganam-se aqueles que pensam que erótico é o corpo. O corpo só é erótico pelos mundos que andam nele. A erótica não caminha segundo as direções da carne. Ela vive nos interstícios das palavras. Não existe amor que resista a um corpo vazio de fantasias. Um corpo vazio de fantasias é um instrumento mudo, do qual não sai melodia alguma. Por isso, Nietzsche disse que só existe uma pergunta a ser feita quando se pretende casar: “continuarei a ter prazer em conversar com esta pessoa daqui a 30 anos?”
(Rubem Alves)

INTRODUÇÃO

A homossexualidade, tal como a compreendemos atualmente remonta ao século XIX. Na década de 1860, a primeira tentativa para nomear a pessoa que se interessava afetivo-sexualmente por outra do mesmo sexo foi o alemão, defensor dos direitos dos gays, Karl Heinrich Ulrichs. Ele cunhou o termo ‘*Urning*’ e descreveu-o como sendo uma pessoa do sexo masculino em um corpo com uma psique feminina, provavelmente em referência direta a efeminação, um marco presumido de todos os homens gays. O ‘*urning*’ seria aquele homem sexualmente atraído por homens e não pelas mulheres. Em contraposição, criou também o termo ‘*Urningin*’ que, segundo ele, seria uma pessoa do sexo feminino com uma psique masculina. Consequentemente, *Urningthum* passou a significar, em si, homossexualidade.

¹ Thiago Almeida: Psicólogo (CRP 06/75185) pela a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Mestre pelo o Departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Pesquisador associado ao Laboratório de Avaliação Psicológica do Amor - LAPA da Universidade Federal da Grande Dourados, UFGD, Brasil e pesquisador associado ao Grupo de pesquisa e extensão sobre sexualidades - GSEXs- UNESP, Brasil E-mail de contato com o autor: thiagodealmeida@thiagodealmeida.com.br

² Maria Luiza Lourenço: Bacharel em Biblioteconomia pela Faculdade de Biblioteconomia e Documentação (FESP/SP) e bibliotecária (CRB 8ª 5037) da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP). E-mail: malouren@usp.br

O termo “Homossexual”, criado pelo escritor e jornalista austro-húngaro Karl-Maria Kertbeny (em contraposição ao termo “Heterossexual”), criado por este mesmo autor em 6 de maio de 1868. Antes disso, havia muito poucas palavras de valor neutro para descrever pessoas que experimentaram atrações românticas ou sexuais em relação aos outros do mesmo sexo. Até então, termos pejorativos como “sodomita”, “invertido” ou “pederasta” eram palavras comuns e pejorativas, carregadas de condenação e de preconceito, para designar pessoas que se afiliavam homoeroticamente. Supostamente, Kertbeny tornou-se interessado na homossexualidade quando um amigo próximo a ele cometeu suicídio depois de ser chantageado por um chantagista. Mas como a ciência nascente da sexologia começou a crescer, e como defensores de amor do mesmo sexo começou a falar sobre o que o amor do mesmo sexo era tudo, o seu primeiro problema foi com a forma de nomeá-lo.

No entanto, o termo “*Homosexualität*” (*homossexualidade* fez sua primeira aparição pública conhecida no ano seguinte, quando Kertbeny publicado anonimamente o panfleto *Parágrafo 143 do Código Penal prussiano e sua manutenção como o § 152º do Projeto de Código Penal para a Confederação da Alemanha do Norte*. Este panfleto defendeu a revogação das leis de sodomia da Prússia, dizendo que atos sexuais consensuais privados não devem ser sujeitos a sanções penais.

Kertbeny, embora não viveu para ver o seu *Homosexualität* com uso generalizado, teve uma compreensão mais próxima a que temos contemporaneamente acerca a homossexualidade, em relação aos termos da época *urning* e *invertido*. Este autor enfatizava, desde a criação do termo *Homosexualität* que os homens homossexuais não eram necessariamente efeminados, citando várias figuras históricas heroicas como exemplos. Deriva do etimologicamente do grego ‘*homos*’, que significa “semelhante”, “igual”. Em 1870, um texto de Westphal intitulado “*As Sensações Sexuais Contrárias*” definiu a homossexualidade em termos psiquiátricos como um desvio sexual, uma inversão do masculino e do feminino, em suma, uma espécie de loucura. A partir de então, no ramo da Sexologia, a homossexualidade foi descrita como uma das formas emblemáticas da degeneração, isto é, como um estado de depravação. Nos códigos penais, surgiram leis que proibiam as relações entre pessoas do mesmo sexo. Alguns historiadores da ciência afirmam que a homossexualidade é uma invenção recente, um termo que busca dar um nome pseudo-científico para uma forma de amor socialmente perseguido de forma sistemática a partir de fins do século XIX.

A Assembléia-geral da **Organização Mundial de Saúde** (OMS), no dia **17 de Maio de 1990**, retirou a homossexualidade da sua lista de doenças mentais, declarando que “*a homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio e nem perversão*” e que os psicólogos não colaborarão com eventos e serviços que proponham tratamento e cura da homossexualidade. Contudo, somente em março de 1999, o Conselho Federal de Psicologia homologou, em resposta a movimentos evangélicos que propunham um tratamento, ou ainda, uma cura para a questão da homossexualidade, uma Resolução (no. 001/99, de 22/03/1999) que veta ao psicólogo, enquanto pertencente e participante de uma categoria, de se referir à homossexualidade como doença ou de fazer parte de qualquer propaganda de tratamento, e muito menos de cura, a pacientes homossexuais.

Assim, a partir de agora realizaremos um breve percurso sobre a história da homossexualidade com vistas à, compreendê-la em seu panorama histórico-social.

HOMOSSEXUALIDADE: UM BREVE HISTÓRICO

Dentro das sociedades ocidentais, há registro de períodos de aceitação maior ou menor das relações afetivas e/ou sexuais entre pessoas do mesmo sexo. A homossexualidade sempre existiu e está presente nas sociedades ao longo da história e da cultura humana e não é surpreendente que ela seja expressa com uma ampla variedade de formas e seja vista de modos nitidamente contrastantes durante períodos históricos distintos e em diferentes sociedades. A escrita de sua historiografia oficial, por muito tempo, foi banida do conhecimento público e manteve grupos minoritários relegados ao esquecimento. Em seu livro, “*Homossexualidade: uma história*”, o autor Colin Spencer

(1996) retoma a história das civilizações, trazendo à tona, a história da homossexualidade, tal qual ela nunca fora contada anteriormente. Este autor credita este possível lapso científico a uma provável desaprovação homofóbica por parte dos antropólogos, zoólogos, e historiadores no que se refere à sexualidade homossexual, dado que segundo o autor esta coexiste com a humanidade desde os tempos primevos, e nos alerta: “A história, devemos sempre lembrar, reflete as opiniões e emoções do tempo em que foi escrita; é altamente subjetiva, já que cada época lança uma diferente luz sobre o passado” (Spencer, 1996, p. 60).

Spencer (1996) relata que em algumas sociedades, ao longo da história da civilização humana, o relacionamento homofílico entre as pessoas não era apenas conhecido, mas praticado e aceito como necessário. O autor nos conta que, para algumas tribos cerca de 10.000 anos atrás, o rito de passagem de um menino para a vida adulta era a relação sexual passiva com um homem adulto para que este passasse através de seu sêmen a virilidade e a força necessárias para a sobrevivência da tribo. Contemporaneamente, ainda há resquícios desta prática conforme citado por Herdt (1984) em nativos de Papua Nova Guiné que ingerem esperma de adultos a fim de lhes ser transmitido o legado da virilidade para estes. Aqui no Brasil, uma tribo de índios, os Krôa, por meio do ritual denominado de cunin, também tem uma prática parecida, no qual pela felação e a incorporação do sêmen dos mais velhos, acredita-se estar se transmitindo a virilidade para a defesa da tribo.

Spencer ainda ao traçar ao reconstituir o histórico da humanidade ao longo do tempo, nos conta que até o séc III d.C. em relação aos gregos, mesopotâmios, egípcios, romanos, hindus, chineses da dinastia Han, celtas, dentre outros, “metade do mundo civilizado [...] não tinha naquela época medidas repressivas contra o comportamento homossexual; pelo contrário, algumas sociedades o celebravam positivamente” (Spencer, 1996, p. 80). Em todas estas sociedades, a bissexualidade humana, sobretudo a do homem, era compreendida como algo que fazia parte dos costumes sociais, embora estivesse presente e perdurado por muito tempo, chegando até mesmo aos dias hodiernos, a estigmatização do coito anal passivo realizado pelo homem adulto livre.

E ainda que enquanto uma prática usual instalada em diversas sociedades, geralmente quando nos referimos a uma passado remoto costumamos nos reiterar aos gregos pelos seus hábitos homoeróticos expressos em suas manufaturas e na literatura. Em se tratando do mundo grego, Spencer (1996) nos coloca que o sexo entre um menino e um homem adulto fazia parte de um ritual de passagem que assegurava a migração daquele para a vida adulta. Segundo o antigo ritual grego, os jovens efebos eram entregues pelos seus próprios pais a um homem mais velho que lhes ensinaria pelas “artes da guerra e do amor”. Este período de exílio ritualístico durava aproximadamente dois meses.

Com a difusão do cristianismo, sobretudo propagada pelas idéias dos primeiros padres da Igreja católica por ocasião da Idade Média, as práticas homoeróticas foram condenadas a um ostracismo bíblico e moral, repercutindo ao longo dos séculos até os dias atuais, influenciando até mesmo o modelo médico que tentou utilizar algumas ideias eclesiais como fundamentos para suas diretrizes higienistas que combatiam o que eles concebiam enquanto homossexualismo.

Com a chegada da Idade Moderna, a situação não foi mais promissora para a população homossexual. Na época do Iluminismo, não somente os juristas e a Igreja perseguiram os pederastas da época, mas as Ciências biomédicas começaram a identificar nestes grupos, uma espécie sexual padecente de doenças sexualmente degenerativas, de transtornos psicológicos, ou ainda de disfunções hormonais e genéticas (DAVI; RODRIGUES, 2002). Para colocar os homossexuais nas categorizações nosográficas da época foram realizados estudos considerando que o papel biológico era preponderante na determinação do destino do papel sexual das pessoas e que estas deveriam ser homens ou mulheres e não uma categoria que representasse uma interface entre ambos. Em muitas obras da época, o homossexual era marginalizado e colocado como um delinquente, uma pessoas capaz de subverter a ordem e a moral burguesas.

Vemos também inúmeros casos de pessoas que sofreram ao longo dos séculos, marginalizações diversas, desde isolamentos sociais a mutilações físicas e emocionais por causa da natureza afetiva

dos seus sentimentos. Um exemplo clássico disso é o autor Oscar Wilde, na Idade Contemporânea, perseguido e condenado, numa época extremamente conservadora. Dessa forma, podemos observar que ao longo da história a homossexualidade passou a ter diversas representações sociais: de um rito de passagem, à noção de pecado e, posteriormente, a ser considerada um crime (KNIEST, 2005). Atualmente, ela é foco de polêmica. Até meados dos anos setenta, sob a alcunha de “homossexualismo”, as expressões entre pessoas do mesmo sexo chegaram a ser consideradas como doença, equívoco este que se prolongou, quando a Organização Mundial de Saúde (OMS), riscou-a de sua lista de enfermidades. Segundo noticiários, baseados nos estudos do relatório Kinsey (1948), os homossexuais chegam a representar, em média, 10% da população mundial. Esta estimativa é bastante controversa e há estudos que afirmam que a população homossexual que convive com a heterossexual varia entre 4 a 14%. Apesar de ser um número elevado, ainda são considerados minoria, sofrendo assim, os rótulos e a discriminação, visto que muitos ainda acreditam que a homossexualidade decorre de uma escolha consciente, por parte do indivíduo, como se dependesse de sua vontade própria.

Em uma pesquisa conduzida por Almeida (2003) a respeito da representação do conceito de homossexualidade para adolescentes, muitas pessoas associavam a homossexualidade como “sem-vergonhice” e “pecado” – adjetivos estes provenientes de um discurso religioso.

Então, após ter sofrido inúmeras formas de tratamento com a pretensão de curá-la, psicólogos e médicos, ofereceram muitos recursos (ineficazes, quando não invasivos e nocivos à vida humana) no embate contra o que concebiam sua empreitada contra a homossexualidade. Dessa forma, lobotomias, eletroconvulsoterapias, intervenções medicamentosas e psicoterápicas, atribuir à culpa ao pai, à mãe, aos avós, etc, tudo, sem nenhuma repercussão favorável ou que fosse ansiolítica, isto é, que diminuísse a ansiedade para os homossexuais. E com muito retardo, em 1973, a homossexualidade foi excluída, não sem oposição por diversos segmentos sociais, do DSM (Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais) elaborado pela Associação Psiquiátrica Norte Americana (APA). Dessa forma, ao longo do tempo, este estilo característico de ser, deixou de ser homossexualismo, (porque na medicina o sufixo ‘ismo’ quer dizer doença) e passou a ser homossexualidade (o sufixo ‘dade’ significa modo de ser). O que existe em termos de classificação dentro da psicologia atual é a orientação sexual, onde o desejo sexual é ORIENTADO para um objeto externo, no caso do mesmo sexo, da pessoa que anseia por um encontro de natureza afetiva ou sexual com outra pessoa.

O movimento de homossexuais pode ser considerado um dos atores sociais mais importantes destas duas últimas décadas. Como sugere Clarisse Fabre (1999) nos últimos 20 anos, esse movimento segue um percurso que vai desde a saída da homossexualidade do código penal até a sua entrada no código civil. No início dos anos 1980, observamos em vários países ocidentais desenvolvidos uma mudança significativa no que se refere à luta contra a discriminação da homossexualidade. Dois fatos podem ser considerados os mais importantes: a saída da homossexualidade do código internacional das doenças e o fim da condenação da prática homossexual no código penal. Agora, o debate que está na ordem do dia é o reconhecimento jurídico da união homossexual, e a legalização da homoparentalidade.

O ENAMORAMENTO HOMOSSEXUAL

Vimos ontem que na história da humanidade, a questão da homossexualidade sempre se fez presente. Na Grécia antiga era uma prática natural e esteticamente bela. Com a ascensão da civilização judaico-cristã, caiu em desmérito. Até meados dos anos setenta, chegou a ser considerada doença, equívoco este que se prolongou, até quando a Organização Mundial de Saúde (OMS), riscou-a de sua lista de enfermidades. As pesquisas sobre uma eventual origem genética para a mesma, realizadas a partir de 1991, causaram polêmicas, sendo consideradas, até então, inconclusivas.

Há algum tempo, nós psicólogos pedimos nossas devidas desculpas aos homossexuais, e atualmente, acreditamos convictamente que a homossexualidade não é mais uma doença, e sim uma espécie de estilo de vida, diferentemente do que se havia pensado anteriormente. Atualmente, os cientistas buscam novos caminhos para compreender a origem da homossexualidade, e os estudos embora não conclusivos, não descartam as causas emocionais e culturais.

Bem, a nossa temática hoje é o amor dentre outros temas que serão discutidos, e o que é o que é o amor? Há que se ter em mente que o amor, a princípio, é uma crença emocional. Como toda e qualquer crença “pode ser mantida, alterada, dispensada, trocada, melhorada, piorada ou abolida. Nenhum dos seus constituintes afetivos é fixo por natureza” (COSTA, 1999, p. 12). Grande parte dos seres humanos não vive a plenitude do amor, muitas vezes, por ter errôneos ou idealizados conceitos e imagens distorcidos do que este seja. Dessa forma, recorrem a estereotipagens amorosas, resultando arremedos afetivos que empobrecem o que concebem por amor e que tanto desgastam as pessoas. Assim, pode-se depreender que como consequência disso, no mundo há muito amor, mas também há muita solidão.

Até algum tempo atrás, a ciência da psicologia nunca pareceu muito interessada neste assunto, talvez por entender o amor como algo abstrato e que desafiava qualquer proposta de mensuração. As publicações nesta área eram poucas, muitas vezes relacionadas com o amor entre mãe, filhos, etc.

Por muito tempo, buscou-se uma definição que fosse aceita por cientistas e pessoas do senso comum a respeito do que seria o conceito de amor. Em uma de suas prováveis origens, o termo ‘amor’ deriva etimologicamente do grego, onde ‘a’ significa sem; já ‘mors’ é sinônimo de morte. Portanto, o amor, nesta concepção etimológica, corresponderia a algo que transcende a morte. Contudo, ainda não há uma descrição, clinicamente exata ou poeticamente elegante, capaz de captar algo que seja sua essência. Deve-se admitir que escrever ou falar de amor é uma façanha cada vez mais árdua. Corre-se o risco de cair na banalidade, na ambiguidade, no espiritualismo ou até mesmo no sentimentalismo, de maneira que os literatos, pregadores, ou mesmo os cantores não são mais convincentes (ALMEIDA, 2003).

E, embora atualmente pare muitas dúvidas a respeito do que seja o amor, nunca dele se falou tanto. Tido como algo que se deveria aprender, cada qual aspira ao amor, a tal ponto que ele se tornou praticamente um desempenho no cotidiano das pessoas (ALMEIDA; MAYOR, 2006). Diariamente, nos mais diferentes ambientes, são realizadas perguntas a respeito dele. Tais questionamentos intrigam não somente os indivíduos que as formulam, mas também a muitos psicólogos, mesmo aqueles profissionais cujo enfoque não é aparentemente a questão dos relacionamentos interpessoais. O conceito de amor para as pessoas e seus estados é eminentemente subjetivo. Entretanto, sentimos os seus efeitos na vida cotidiana, e geralmente, ninguém ignore as penalidades e vicissitudes pelas quais passam, quando o experimentam. Portanto, pensar a respeito do amor nos coloca frente deste fenômeno que conhecemos desde a mais tenra idade, crescemos e o experimentamos diariamente, através das fortes emoções que os acompanham, mas não refletimos sobre as concepções que ele pode assumir.

Abstraindo-se nossas aspirações mais românticas, o amor, *a priori*, seria uma espécie de contrato biológico entre um homem e uma mulher, o que não excluiria as manifestações afetivas entre pessoas do mesmo sexo. Para a etologia, ciência que estuda as origens dos comportamentos dos seres humanos e animais, esse contrato determinaria que, em troca de recursos trazidos por um homem para garantir a alimentação, o abrigo e a proteção da mulher e dos filhos dele, esta, em contrapartida, disponibilizaria o seu útero, com exclusividade, à disposição do mesmo. Para prolongar os efeitos do amor e maximizar a permanência do parceiro e dos seus recursos para o relacionamento, segundo a teoria evolutiva, homens e mulheres desenvolveram diferentes estratégias adaptativas para lidarem com a questão da infidelidade. Atualmente, as condições de vida são outras das que eram antigamente, em épocas ancestrais, e assim, as mulheres teoricamente não dependem dos recursos

trazidos pelos homens, e consequentemente uma mulher quando na condição de mãe solteira, não necessariamente está mais desamparada. Porém, como nossos cérebros são muito semelhantes aos dos nossos ancestrais, destes os quais que estamos nos referindo que precisaram do ciúme, dentre outros mecanismos para assegurar sua sobrevivência, nós ainda de certa forma, responderíamos como que instintivamente a alguns mesmos controles biológicos. Consoante Ramos e Calegaro (2001), os seres humanos, homens e mulheres, desenvolveram diferentes estratégias para lidar com o problema da sobrevivência e da reprodução. Os homens, para se certificarem de que os filhos gerados em um relacionamento são verdadeiramente seus (o que tem consequências substanciais para sua auto-estima), têm o seu ciúme motivado pela suspeita de infidelidade sexual de sua mulher (MULLEN; MARTIN, 1994). Ainda segundo Ramos e Calegaro (2001), as mulheres, diante do temor de que o companheiro possa se envolver emocionalmente com uma rival a ponto de dirigir seus investimentos materiais, afetivos e financeiros para esta pessoa, desenvolveram o ciúme como uma resposta apropriada para a manutenção deste relacionamento. Em outras palavras, em relação aos homens, a mulher ao longo do tempo aprendeu a desenvolver um ciúme mais emocional do que sexual. Esta é a explicação da teoria etológica para tentar explicar o ciúme heterossexual, mas e quais os mecanismos implicados quanto ao ciúme homossexual? Há um padrão evolucionário para o comportamento ciumento de pessoas que tenham natureza homoerótica em seus sentimentos, pensamentos e comportamentos?

Para Almeida e Soutto Mayor (2006) o amor é um conjunto de sentimentos diversos, distintas topografias comportamentais e múltiplos perfis de respostas cognitivas que embora variados, estão relacionados entre si e são inerentes ao ser humano, tendem a se perdurarem e possuem inúmeras formas válidas de sua manifestação. Assim, em termos comportamentais o amor é visto como uma contingência muito especial não somente por ser multideterminado, mas também devido ao fato de sua pluralidade de consequências e para White o ciúme é definido como um “complexo de pensamentos, sentimentos e ações que se seguem às ameaças para a existência ou a qualidade de um relacionamento, enquanto estas ameaças são geradas pela percepção de uma real ou potencial atração entre um parceiro e um (talvez imaginário) rival” (WHITE, 1981, p.129). Usam-se estas duas definições por serem largamente aceitas na ciência para os conceitos de amor e ciúme.

Ao que parece a homossexualidade vista por um prisma etológico tem também uma importante função. Algumas pessoas costumam pensar esta manifestação do comportamento enquanto um desperdício de recursos vitais ou mesmo uma prática contraproducente a reprodução. Ao que parece, nenhuma e nem outra dessas afirmações são verdadeiras segundo a etologia. A etologia acredita que as pessoas que tinham orientação erótico-afetiva para parceiros do mesmo sexo, em épocas ancestrais, poderiam ajudar e muito na criação dos filhos da prole dos seus parentes, investindo seus recursos para a manutenção da vida dos sobrinhos e sobrinhas nascidos, conferindo a estes cuidados parentais similares aos dos próprios pais e mães destas crianças. Isso ao longo do tempo colaborou significativamente para aumentar a taxa reprodutiva, e esta é uma das muitas razões que a etologia acredita que a homossexualidade não tenha sido extinguida para aqueles que acreditam que ela é um comportamento inferior em relação à heterossexualidade.

Quando o tema “sexualidade” é discutido, muitas pessoas pensam que há uma grande diferença entre a homossexualidade e a heterossexualidade. No entanto, as investigações mais recentes sobre a sexualidade e o gênero indicam que, na verdade, a grande diferença estabelece-se mais entre os homens e as mulheres do que entre os homossexuais e os heterossexuais. De acordo com Gipsztein (2000) os atributos supostamente característicos da homossexualidade são em última análise encontrados em todas as outras pessoas. Seja por razões evolutivas, ou mesmo por questões histórico-culturais, para os homens, é mais fácil separar a sua sexualidade dos seus relacionamentos amorosos. Também se pode dizer que os homens usam o sexo mais vezes que as mulheres como meio para alcançar a intimidade ou para iniciar uma relação amorosa. As mulheres, por outro lado, costumam depender mais do contexto emocional para obter prazer sexual. Também se pode dizer que para

muitas mulheres a sexualidade só é valorizada depois de alcançada uma proximidade e intimidade emocional com o seu companheiro ou companheira.

Até o presente momento o que se sabe atualmente é que, no tocante a relacionamentos amorosos, a fenomenologia do enamoramento homossexual é ao que tudo indica, idêntica à do enamoramento heterossexual, isto é, as categorias do novo estado nascente são as mesmas, como adverte Alberoni (1986). Nas palavras de Rusconi (1991, p. 231): “não existem diferenças na expressão dos sentimentos entre homens que fizerem diferentes escolhas sexuais”. E, Lee (1988), complementa tal discussão, apontando uma possível explicação: “Amantes gays e lésbicos compartilham das definições gerais do amor das novelas, filmes e outras mídias” (Lee, 1988, p. 58).

Em relação aos dados fornecidos pela etologia para o ciúme romântico para as relações de natureza homossexual, os resultados apresentam-se de forma inversa comparados aos achados em relacionamentos heterossexuais, ainda que estes experimentem níveis de ciúme similares aos dos heterossexuais. Por exemplo, lésbicas sentem como mais aflitiva a infidelidade sexual de suas parceiras, ao passo que os homossexuais masculinos padecem emocionalmente mais quando imaginam que o parceiro pode estar comprometido afetivamente com outra pessoa (BAILEY et al., 1994; BRINGLE, 1995; SHEETS; WOLFE, 2001).

Ao que se concerne ao homossexualismo feminino, observa-se que suas origens são mencionadas desde a Antiguidade. A etimologia da palavra deve-se a poetisa Safo. Esta é considerada a ‘fundadora’ do lesbianismo, natural da Ilha de Lesbos, no Mar Egeu, de onde teria surgido o termo “lésbica”. Naquela época, como fazer poesia era uma atividade tipicamente masculina, devido à grande desvalorização que se davam para as mulheres que elaboravam suas poesias, a exemplo, as que elaboravam poesias recebiam a alcunha de lésbicas (Graña, 1998).

No estudo de Buunk, Massar e Dijkstra (2006) os autores verificaram que homens homossexuais, mas não mulheres homossexuais reportam mais ciúme quando expostos a um rival com uma alta dominância quando comparados a um rival de baixa dominância, especialmente quando expostos a um rival fisicamente não atrativo. Então, estes resultados sugerem fortemente que homens e mulheres possuem um evoluído mecanismo através do qual eles respondem mais ou menos automaticamente aquelas características do rival que tinham sido importantes na seleção sexual no nosso passado evolucionário. Como resultado disso, os indivíduos homossexuais parecem ter sido dotados com um mecanismo de ciúme não completamente adaptado para a situação deles, como eles tendem a não respondem mais ciumentamente para aquelas características que são, dada à preferência pelos parceiros deles constituírem a maior ameaça. Como em qualquer outra competição, o rival mais dotado é sempre mais temido como ameaça; mas, de outro lado, é sempre mais humilhante ser vencido por um antagonista mais fraco. Se o parceiro o trair com um outro menos atraente, de condição social ou moral inferior, menos elegante ou inteligente, o parceiro tenderá a sofrer mais ciúme do que se o rival for superior a ele no conjunto de qualidades. Dessa forma, “Embora a homossexualidade não seja adaptativa em si mesma, ela parece envolver mecanismos biológicos que são portadores da reprodução sexual” (KENRICK et al. 1995, p. 1167).

Uma explicação final para as diferenças de gênero na sensibilidade do estímulo para o ciúme evocado apóia-se nas diferenças para intimidade e suporte social (SHEETS; WOLF, 2001). Embora as pesquisas confirmem o valor para a intimidade em homens e mulheres, os homens frequentemente são mais socializados para permanecerem independentes, enquanto que as mulheres são educadas para cultivarem vínculos emocionais com os outros (WOOD, 1996). Dessa forma, as mulheres são mais conscientes da ameaça de isolamento social ao qual estão sujeitas (POLLAK; GILLIGAN, 1982). Isso poderia também explicar porque as mulheres reportam uma maior angústia do que os homens quando elas pensam a respeito da infidelidade sexual dos próprios parceiros. Semelhantemente, homossexuais masculinos e femininos, que similarmente experimentam rejeições por parte de seus amigos e familiares podem também serem mais sensíveis às ameaças de um possível isolamento social, sendo assim, a infidelidade emocional de seus parceiros adquiriria uma maior significância para eles (MORRIS, 1982). Consequentemente, gays e lésbicas podem ser mais sensíveis para os

sinais de uma possível infidelidade emocional preferencialmente a detecção da infidelidade sexual dos seus parceiros.

REFERÊNCIAS

- Albertoni, F. *Enamoramento e amor*. Trad. A. G. Galvão. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- Almeida, T.; & Mayor, A. S. O amar, o amor: uma perspectiva contemporâneo-ocidental da dinâmica do amor para os relacionamentos amorosos. In: Starling, R. (ed). *Ciência do Comportamento: conhecer e avançar*. (No prelo)
- Almeida, T. (2003). *O perfil da escolha de objeto amoroso para o adolescente: possíveis razões*. 2003. TCC (Trabalho de Conclusão de Curso). São Carlos, UFSCar, Depto. De Psicologia, 2003
- Bailey, J. M et al. Effects of gender and sexual orientation on evolutionary relevant aspects of human mating. *Journal of Personality and Social Psychology*. v. 66, p. 1081-1093, 1994.
- Bringle, R. G. Sexual jealousy in the relationships of homosexual and heterosexual men: 1980 and 1992. *Personal Relationships*. v. 2, p. 313-325, 1995.
- Buunk, A. P.; Massar, K. & Dijkstra, P. *Automatically evaluating one's romantic rivals: towards a social cognitive evolutionary approach of jealousy*. 2006. Disponível em: <http://scholar.google.com.br/scholar?num=50&hl=pt-BR&lr=&q=cache:bi0thRn8IisJ:www.sydneysymposium.unsw.edu.au/2006/Chapters/rivalaus.con.doc+%22Gay+males,+but+not+lesbian+women,+reported+more%22> Acesso em: 03/09/2006.
- Costa, J. F. *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- Davi, E. H. D. & Rodrigues, J. F. S. Os caminhos da homossexualidade: exclusão ou inserção? *Caderno Espaço Feminino*, 2002.
- Fabre, C. *L'homosexualité, du code pénal au code civil*. In: Le Monde Dossier: le pacte civil de solidarité. 1 Avril, 1999
- Gipsztein, P. *Análise metapsicológica do comportamento compulsivo sexual em sujeitos masculinos homoeroticamente inclinados*. 2000. TCC (Trabalho de conclusão de Curso). São Paulo. Mackenzie, 2000.
- Graña, R. B. *Homossexualidade: formulações psicanalíticas atuais*. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- Herd, G. H. (Ed.). *Ritualized homosexuality in Melanesia*. Berkeley: University of California, 1984.
- Kenrick, D. T. et al. Age preferences and mate choice among homosexuals and heterosexuals. *Journal of Personality and Social Psychology*. v. 69, p.1166±1172, 1995.
- Kinsey, A. C.; Pomeroy, W. B. & MARTIN, C. E. *Sexual behavior in the human male*. Philadelphia: Saunders, 1948.
- Kniest, G. R. *A relação terapêutica frente à homossexualidade*. 2005. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Recife: Universidade Católica de Pernambuco, 2005.
- Lee, J. A. Love-styles. In: R. J. Sternberg & M. L. BARNES (Eds.). *The Psychology of love*. . New Haven: Yale University Press, 1988. P. 38-67.
- Morris, V. Therapeutic issues with lesbian clients: Helping lesbians cope with jealousy. *Women and Therapy*. v.1, p. 27-34, 1982.
- Mullen, P. E. & Martin, J. Jealousy: A community study. *British Journal of Psychiatry*. v.164, p. 35-43, 1994.
- Pollack, S & Gilligan, C. Images of violence in Thematic Apperception scores. *Journal of Personality and Social Psychology*. v. 42, p. 159-167, 1982.
- Ramos, A. L. M. & Calegari, M. Resenha: A Paixão Perigosa: Por Que o Ciúme é Tão Necessário Quanto o Amor e o Sexo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. v.17, n. 3, p. 293-295, 2001.
- Rusconi, M. *Amor plural masculino: os homens descobrem o prazer dos sentimentos*. Trad L. E. Passalacqua. São Paulo: Maltese, 1991.
- Sheets, V. L. & Wolfe, M. D. *Sexual jealousy in heterosexuals, lesbians, and gays*. *Sex Roles: A Journal of Research*. v.44, p. 255-276, 2001.
- Spencer, C. *Homossexualidade: uma história*. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- Wastphal, C. Die conträre Sexualempfindung. *Archiv für Psychiatrie*. v. 2, n.1, 1870.
- White, G. L. Some correlates of romantic jealousy. *Journal of Personality*. v. 49, p.129-147, 1981.
- Wood, J. T. She says/he says: Communication, caring, and conflict in heterosexual relationships. In: J. T WOOD (Ed.). *Gendered relationships*. Mountain View, CA: Mayfield Publishing, 1996. p. 149-162.